



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPTO. DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

WASHINGTON ANTONIO PEREIRA DE FRANÇA

**CONCEPÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE ENTRE AGENTES
COLETORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

**AREIA-PB
2017**

WASHINGTON ANTONIO PEREIRA DE FRANÇA

**CONCEPÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE ENTRE AGENTES
COLETORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientadores: Prof. Dr. David Holanda de Oliveira
Prof^ª. Dr^a. Ana Cristina Silva Daxenberger

**AREIA-PB
2017**

WASHINGTON ANTONIO PEREIRA DE FRANÇA

**CONCEPÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE ENTRE AGENTES
COLETORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Aprovado em _____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. David Holanda de Oliveira
Orientador - DCB/CCA/UFPB

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Silva Daxenberger
Orientadora - DCFS/CCA/UFPB

Prof^a. Dr^a. Ângela Cristina Alves Albino
Examinadora – DCFS/CCA/UFPB

Prof^a. Dr^a. Maria Betânia Hermenegildo dos Santos
Examinadora – DCFS/CCA/UFPB

Dedicatória

A Deus, por todas as graças alcançadas até então. Dedico também aos esforços de minha mãe (Conceição), de meu pai (Antônio) e toda minha família, que sempre batalharam para que eu pudesse chegar até aqui. Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim, em especial à minha noiva, minha eterna companheira (Ivoneide Almeida), por todos vocês, esta vitória é nossa!

Agradecimentos

Agradeço muito a Deus, pela oportunidade de estar neste mundo, seguindo seus ensinamentos e tentar cumprir meu propósito nesta vida.

A toda minha família, em especial a minha mãe, dona Conceição e meu pai, seu Antonio que sempre lutaram pelo melhor de seus filhos, dedicando todos os esforços possíveis para meu desenvolvimento, meu imenso obrigado. Agradeço também a minha irmã, Greice França (Luana), que mesmo diante de tudo que irmãos passam sempre se preocupou comigo e sempre me apoiou e ajudou em tudo o que eu precisei.

A minha princesa, minha companheira de todos os momentos, Ivone Almeida, obrigado minha linda, seu amor, companheirismo, puxões de orelha, com toda certeza do mundo serviram para que eu me torna-se um homem melhor, crescemos muito juntos, saiba que te amo muito.

Á dona Laurita, minha sogra, segunda mãe, que cuida de mim como se eu fosse um filho, sempre me apoiou em tudo, obrigado por seu carinho. Estendo esta fala, as minhas cunhadas, que são irmãs que também acabei ganhando, Ione Almeida e Iara Almeida, obrigado. E agradecer também, aos meus “cãopanheiros” Pingo e Spyke, que partiram, mas me deram muitas alegrias.

Aos amigos de curso que, direta ou indiretamente, me ajudaram seja através de ações ou de palavras, vocês são parte da minha formação, foram muitas coisas que vivemos juntos (coisas boas e ruins), com certeza lembrarei sempre.

Meus orientadores, Ana Cristina Silva Daxenberger que me orientou desde o ano no de 2013, a qual devo atribuir grande parte do meu crescimento dentro da UFPB, dando muitas oportunidades de desenvolvimento profissional e pessoal, sempre lembrarei da importância de seus ensinamentos. Ao professor David Holanda de Oliveira, que teve a maior paciência do mundo para aguentar as minhas cobranças, um dos professores o qual me espelharei, pois antes de tudo, se preocupa com a pessoa que existe dentro de cada aluno.

Aos professores da banca examinadora, Ângela Cristina Alves Albino e Maria Betânia Hermenegildo dos Santos, pela disponibilidade em avaliar o meu trabalho e por engrandecê-lo com suas contribuições. Assim como os meus professores ao longo da minha graduação que serviram como norteadores na minha formação, obrigado grandes mestres!

Aos entrevistados nesta pesquisa, pela importante colaboração para a realização desse trabalho. Saibam que vocês (agentes coletores de material reciclável) são peças fundamentais para a sociedade e meio ambiente. Aprendi com vocês que não existe trabalho que não seja digno, foi uma honra o contato com todos vocês.

Enfim, a todos que estiveram me aconselhando e incentivando em toda minha trajetória de vida, meus singelos agradecimentos.

Obrigado!

“O essencial é invisível aos olhos”
(Antoine de Saint-Exupéry)

Lista de siglas

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABRELPE -- Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais

AG – Agente

AL – Alagoas

BA – Bahia

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

CE – Ceará

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente

EA - Educação Ambiental

EPI – Equipamento de Proteção Individual

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Kg – Quilograma

MA – Maranhão

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

PI – Piauí

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental

PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos

RN - Rio Grande do Norte

SE – Sergipe

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

Lista de gráficos

Gráfico 1.	Nível de escolaridade dos entrevistados.....	27
Gráfico 2.	Percentual sobre a importância do ofício de coletor de material reciclável.....	35
Gráfico 3.	Percentual de entrevistados a favor do seguimento de seus filhos na profissão.....	42

Lista de figuras

Figura 1. Mapa de Localização dos municípios da pesquisa.....	26
--	----

Lista de tabelas

Tabela 1. Lista dos principais materiais coletados e vendidos pelos entrevistados na pesquisa.....30

CONCEPÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE ENTRE AGENTES COLETORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

RESUMO

Nossa sociedade tem se deparado com um aumento significativo nas taxas de consumo dos recursos naturais, resultando não apenas no comprometimento desses recursos, como também, na elevação exponencial da produção de resíduos, com destaque, aos sólidos. Porém, isto não está restrito às grandes metrópoles, ou capitais, observa-se este consumo desordenado presente nas pequenas cidades do interior. Aliado a toda esta problematização, temos o surgimento de um personagem essencial neste processo que é o agente coletor de material reciclável ou antigamente, denominado de catador de lixo, que recolhe das cidades grande parte daquele material dito como lixo. De acordo com isso, este trabalho tem como objetivo analisar as concepções que os agentes coletores de material reciclável têm sobre o meio ambiente, problemas ambientais e inclusão/exclusão social a partir da perspectiva e vivência do seu ofício. Foi realizada uma entrevista através um questionário semi-estruturado, contendo 37 questões, com 12 agentes coletores de material reciclável, distribuídos em 3 municípios da Paraíba: Areia, Alagoa Grande e Remígio. Após a aplicação, os dados foram tabulados e organizados em três temas discursivos: aspectos sóciodemográficos dos agentes coletores de material reciclável; as concepções sócioambientais dos agentes coletores de material reciclável; o processo de invisibilidade sócio-ambiental: o preconceito e discriminação na rotina destes trabalhadores. Inicialmente foi destacado que estes trabalhadores acabam sendo submetidos à exclusão social, devido à falta de oportunidades de trabalho em outras áreas, sendo esta, uma consequência da baixa escolaridade. Os entrevistados se consideram importantes agentes ambientais, porém, quando questionados sobre aspectos gerais ligados ao seu trabalho como a definição de meio ambiente, identifica-se uma visão generalista, superficial sobre o tema, atribuindo na maioria das vezes a uma concepção apenas naturalista. Foi observado que a maioria dos coletores já sofreu com atitudes preconceituosas de estigmas e estereótipos da sociedade sobre o seu trabalho, fazendo com que eles acabem tendo a ideia de normalização destas atitudes e “aceitem” os ideais que lhe são impostos, influenciando em sua qualidade de vida. Além disto, foi identificado que existe uma falta de conexão entre as políticas públicas existentes tais como a PNRS e PNEA com a realidade na qual estão inseridos os coletores. Desta forma, pode-se afirmar que é necessário que o Estado, junto com as prefeituras municipais busquem formas de garantir a melhoria nas condições trabalhistas e na qualidade de vida destes agentes.

Palavras – chave: Resíduos Sólidos, Meio Ambiente, Catadores, Exclusão Social.

CONCEPTIONS ABOUT ENVIRONMENT AND SOCIETY AMONG COLLECTORS FACTORS OF RENEWABLE MATERIALS

ABSTRACT

Our society is confronting with a significant increase in the natural resources consumption rates, resulting not only on commitment of these resources, as well as, in the exponential elevation of residues production, especially, solids. But, it is not only restricted to big cities, or capital, it is observed this consumption with no – order in small cities. Linked to all problems, we have the appearance of an essential character on this process which is the renewable material collector agent, or in the old day garbage collector, who gets from big cities some material as trash. According to it, this work has the aim to analyse conceptions which renewable material collectors agents have on environment, social inclusion or exclusion about perspective and living. It had been carried out an interview with semi-structured questionnaire with 37 questions, 12 collectors agents of renewable material, distributed in the municipal districts of Paraíba: Areia, Alagoa Grande and Remígio. After the application, data were table and organized in three discursive theme: social-demographic aspects of collectors agents of renewable material; enviromental and social conceptions of collectors of renewable material; environmental and social invisibility process; prejudice on routine of these workers. Iniatially it was observed that these workers are being subjected to social exclusion, due to opportunity lack in other areas, as a consequence of low scholarship. Interviewers consider important environmental agents, but when asked about general aspects linked to its work as a definition of environment, it is idetified a general vision, superficial about theme, in the majority to a simple naturalist conception. It had been observed that many collectors suffered with prejudice attitudes of society in a stereotype way, being “accepted” as normal which it is obligated, with influence on this life quality. Beyond, it was identified that a lack of connection among public politics like SRNP and EENP whit the reality in which collectors are inserted. So, it can be confirmed that is necessary that the State, with town halls get ways to guarantee an improvement on work conditions and life quality of these agents.

Keywords: Solids Residues, Environment, Garbage Collectors, Social Exclusion

Sumário

1. Introdução	14
2. Objetivos	16
2.1. Objetivo Geral	16
2.2. Objetivos específicos	16
3. Referencial teórico	17
3.1. A sociedade do “ter”: os impactos ambientais do consumismo	17
3.2. Agentes coletores de materiais recicláveis: retirando do “lixo” uma possibilidade de sobrevivência	20
4. Metodologia	24
4.1. Descrição da área de estudo	25
5. Resultados e discussão	27
5.1. Aspectos sócio-demográficos dos agentes coletores de material reciclável	27
5.2. As concepções socioambientais dos agentes coletores de material reciclável	34
5.3. O processo de invisibilidade sócio-ambiental: o preconceito e discriminação na rotina destes trabalhadores	38
6. Considerações Finais	44
7. Referências	46
8. Apêndices	51
9. Anexos	55

1. Introdução

Nas últimas décadas, em especial a partir da Revolução Industrial, a nossa sociedade vem se deparando com uma explosão na quantidade e variedade dos bens de consumo, que são produzidos em escalas cada vez maiores pelos diferentes ramos da indústria (MMA, 2005). Este fato é um dos responsáveis por fazer com que as pessoas comprassem mais, o que estimulou o crescimento econômico dos países, e que influenciou diretamente nas relações sociais, políticas, ambientais e culturais de nossa sociedade (CORTEZ & ORTIGOZA, 2009).

Contudo, mesmo com os avanços decorrentes deste processo, dois grandes problemas surgiram a partir deste crescimento. De um lado, um grave problema ambiental que se dá em relação ao aumento na geração dos resíduos sólidos, que é destacado por Araújo *et al* (2013), os quais consideram estes resíduos, como um dos grandes problemas na atual sociedade, principalmente no que diz respeito à contaminação do solo, dos lençóis freáticos, etc.

Outro problema foi em relação ao meio social, no qual, as diferenças econômicas, fizeram com que a divisão pré-existente da sociedade em classes fosse acentuada. De acordo com isso, um pequeno grupo de pessoas com maior potencial econômico, e consequentemente de compra e qualidade de vida, passou a consumir uma quantidade maior de recursos naturais, originando um desequilíbrio não apenas ambiental como social.

Desta forma, ao observamos alguns autores como Magalhães (2013); Lopes *et al* (2012); Carneiro (2009); Nunes (2014), é notório que não se pode dissociar as questões ambientais, dos aspectos sociais, visto que, as duas possuem uma forte relação, conforme podemos verificar na definição da resolução 306 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), o qual diz que meio ambiente seria: “o conjunto de condições, leis, e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (CONAMA, 2012, p.1). De acordo com isso, é impossível falar das questões ambientais sem citar as relações do homem com o meio. A partir da relação de consumismo, geração de resíduos e poder de *status*, surge a imagem do agente coletor de materiais recicláveis, a qual se encontra estritamente ligada tanto as questões sociais, como também as ambientais.

Estes agentes são reconhecidos pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2010), e coletam das ruas, uma quantidade grande de materiais que ainda podem ser utilizados, através dos processos de reciclagem e reaproveitamento, porém, não possuem

condições dignas de trabalho, sem a mínima segurança, e ainda recebem uma remuneração não condizente ao esforço realizado durante a coleta.

Alguns trabalhos (LOPES *et al*, 2012; NUNES, 2014), mostram as dificuldades decorrentes da falta de valorização dos serviços prestados pelos agentes coletores de material reciclável, realçando ainda, que muitas vezes estas pessoas encontram-se excluídas pela sociedade. Este fato mostra uma problemática social: a invisibilidade, ou seja, a insignificância que a sociedade dá ao trabalho realizado por estas pessoas, fato este, que deve ser prontamente enfrentado.

A invisibilidade que a sociedade impõe ao trabalho do agente coletor de material reciclável interfere não somente na vida deste agente, como também, na vida de todas as pessoas inseridas no meio, visto que, o coletor recolhe do ambiente uma quantidade significativa de resíduos. Retirando este material do meio, o nível de contaminação e uso dos recursos naturais é amenizado, o que reflete diretamente na saúde e qualidade de vida de toda a população.

Portanto, uma sociedade equilibrada deve estar atenta tanto aos fatores sociais que envolvem as questões relacionadas aos agentes coletores de materiais recicláveis, condições dignas de trabalho e remuneração, bem como, devem ter a consciência e a sensibilidade quanto à importância do trabalho ambiental que estas pessoas exercem e sua influência na qualidade de vida de todos.

De acordo com isso, este trabalho teve o intuito de propiciar uma maior visibilidade a esta discussão. Conforme apontam Araújo *et al* (2014) e Santos & Oliveira (2009), na atual década, as problemáticas ambientais não se encontram restritas às grandes metrópoles e capitais. É possível observar estes problemas nas pequenas cidades do interior, onde estão sendo registrados casos de doenças, processo de favelização, entre outros fatores, oriundos da elevação na taxa de produção de resíduos sólidos e um sistema de gerenciamento falho.

Porém, são poucos os trabalhos discutidos nesta área que envolva tanto a perspectiva ambiental, em relação ao gerenciamento dos resíduos sólidos nas cidades do interior da Paraíba, como também, a análise das condições sócioeconômicas em que se encontram inseridos os agentes coletores de material reciclável.

Desta forma, este trabalho buscou analisar as concepções de agentes coletores de materiais recicláveis localizados em três municípios do interior do Estado da Paraíba (Areia, Alagoa Grande e Remígio) sobre meio ambiente e sociedade, assim como, fazer um diagnóstico da sua situação sócioeconômica e identificar as principais dificuldades encontradas por eles, durante a execução do seu ofício.

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral

Analisar as concepções que os agentes coletores de material reciclável têm sobre o meio ambiente, problemas ambientais e inclusão/exclusão social a partir da perspectiva e vivência do seu ofício.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar o perfil sociodemográfico dos agentes coletores de material reciclável;
- Analisar as concepções dos agentes coletores de material reciclável sobre meio ambiente;
- Conhecer a visão dos agentes coletores de material reciclável sobre o trabalho que exercem e sua importância para a sociedade;
- Analisar as dificuldades encontradas pelos agentes coletores de material reciclável no cotidiano do seu trabalho.

3. Referencial teórico

3.1. A sociedade do “ter”: os impactos ambientais do consumismo

A sociedade tem passado pelas últimas décadas, por um processo de consumo de forma demasiada de acordo com Batista *et al* (2013). Desta forma, o consumo exarcebado, aliado ao aumento da população mundial, segundo Pedrini (1997), fez com que uma problemática fosse acentuada: o aumento na geração de resíduos, principalmente, dos sólidos, que segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), são definidos como:

resíduos nos estados sólidos e semissólidos, que resultam de atividades da comunidade, de origem: industrial, doméstica, de serviços de saúde, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Consideram-se também resíduos sólidos os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como, determinados líquidos, cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível (ABNT, 2004, p.1).

Visto a potencialidade de contaminação decorrente destes resíduos, Andrade & Ferreira (2011), destacam a importância dos investimentos em pesquisa e na efetivação das políticas públicas que regem estas questões, a fim de minimizar os impactos que podem ser gerados ao meio ambiente.

Na maioria das vezes, os resíduos produzidos são depositados em locais inadequados, fato este que fica mais preocupante quando Abramovay (2013) dizem que no mundo, os índices de geração de resíduos sólidos são estimados em 1,3 bilhão de toneladas anuais, ou seja, 1,2 kg por pessoa diariamente, e caso este ritmo continue, em 2022 as estimativas serão de 2,2 bilhões de toneladas anuais.

Os impactos causados pelo consumo de forma desordenada também estão presentes no Brasil. Abramovay (2013) apontaram, que em 2012 as cidades brasileiras geraram cerca de 63 milhões de toneladas de resíduos sólidos. É possível verificar tais problemas em todas as regiões do nosso país, inclusive no Nordeste, onde segundo Abrelpe (2013), a geração total deste tipo de resíduo nos 1.794 municípios que compõem os 9 Estados da região (AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN, SE), foram em média, 53 mil toneladas/dia.

De acordo com Morosine (2002), no Estado da Paraíba os índices de produção diária de resíduos sólidos são classificados como altos. Somando-se todos os 223 municípios paraibanos, a geração de resíduos sólidos foi de 3,4 toneladas/dia, isto em uma população estimada em 3.914.421 habitantes no ano de 2013 (ABRELPE, 2013; IBGE, 2010).

É importante destacar ainda, que nos últimos anos, de acordo com Morosine (2002), os maiores conflitos e impactos ambientais no Estado da Paraíba, têm sido intensamente identificados na zona costeira, especialmente nas praias, mangues, rios, estuários e baías que vêm sendo palcos de vários tipos de agressões ambientais pela ação antrópica (ação do homem). Pode-se destacar também, a ocupação desordenada das margens dos rios que ao longo do seu percurso é rodeado por favelas e indústrias, fazendo-os receber todos os tipos de dejetos sem o tratamento adequado.

Neste sentido, diante da preocupação quanto à preservação da natureza e seus recursos, além da questão envolvendo a saúde coletiva, se observou a necessidade da elaboração de políticas públicas voltadas especificamente para a gestão destes resíduos, regulamentando desde a sua produção até o descarte de forma adequada. Esta legislação foi originada, no ano de 2010, com a instituição da Lei 12.305, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que de acordo com o artigo 1º:

[...] institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, dispondo sobre seus princípios, objetivos e instrumentos, bem como sobre as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluídos os perigosos, às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis (BRASIL, 2010, p.1).

A promulgação da PNRS representa um avanço no que diz respeito às discussões e às orientações das problemáticas ambientais. Porém, quando se busca por trabalhos desenvolvidos na área ambiental, que apontem o nível de poluição em que se encontram as cidades da Paraíba, em especial as do interior, percebemos que são poucas as pesquisas que abordam esta temática. Este fator vem a reforçar a importância em realizar trabalhos sobre estas questões não somente nas grandes cidades, mas também nas pequenas cidades interioranas.

Fato comum às cidades do interior da Paraíba é o desconhecimento da quantidade de resíduos produzidos e a forma de descarte destes, ou seja, o problema é a ausência de um

plano de gerenciamento dos resíduos, o que vai de encontro ao que prevê o Art. 19 da PNRS, segundo o qual:

O plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos tem o seguinte conteúdo mínimo:

I – diagnóstico da situação dos resíduos sólidos gerados no respectivo território, contendo a origem, o volume, a caracterização dos resíduos e as formas de destinação e disposição final (BRASIL, 2010, p.9).

A falta de um plano municipal na gestão dos resíduos sólidos culmina no aparecimento de pragas urbanas e em diversos tipos de poluição como: ambiental, visual, contaminação de lençóis freáticos, entre outras, além de que, alguns resíduos sólidos podem servir como fontes desencadeadoras de uma série de doenças como: dengue, zica, chikungunya, malária, tétano, hepatite, entre outras.

O nível de poluição é ainda agravado, quando observamos que a sociedade não é sensível ao apelo das questões ambientais, fazendo com que mais áreas sejam poluídas, agredindo de forma acentuada o meio ambiente, conforme aponta Trindade (2011). Desta forma, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei 9.795/99, aponta a necessidade de políticas públicas ambientais associadas às questões sociais para a conservação do meio ambiente e por consequência, uma sociedade mais equilibrada, conforme podemos observar no Art. 1º o qual define a educação ambiental (E.A) como processo:

nos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999, p.1).

De acordo com a citação acima, a E.A seria uma das mais importantes ferramentas para lidar com as questões ambientais, principalmente, para o uso adequado dos recursos naturais, bem como, a sua preservação. A educação ambiental, neste caso, serviria como um mecanismo de conscientização e sensibilização sobre a importância do meio ambiente para a sociedade.

Por isso, a efetivação da E.A seria uma das principais medidas utilizadas para modificar o pensamento (conscientização) das pessoas sobre os problemas ambientais, os quais a sociedade vem passando, e consequentemente, este conhecimento seria revertido em ações (sensibilização), que se tornam cada vez mais necessárias em um modelo atual de

sociedade que preza pelo valor do “ter”, ou seja, o valor de possuir, em detrimento às consequências e impactos daquele produto ao ambiente, e muitas vezes na própria falta de necessidade de comprá-lo naquele momento.

3.2. Agentes coletores de materiais recicláveis: retirando do “lixo” uma possibilidade de sobrevivência

Além dos diversos impactos ambientais que o aumento na geração de resíduos sólidos propicia, acentuado por um sistema de gerenciamento ainda falho, temos outras esferas que são influenciadas pelo consumo desenfreado. O aspecto social também vem sendo amplamente modificado, pois, este consumismo vem acentuando um processo histórico, que ao longo do tempo, vem segregando a população mundial em classes.

De um lado, formou-se um grupo de pessoas com grande poder aquisitivo e do outro um grupo de pessoas que acabam por ficar com o subproduto da primeira classe, já que possui um poder aquisitivo inferior. Algo semelhante é descrito por Elias & Scotson (2000), os quais atribuíram nomes a estas classes, sendo: os estabelecidos e os *outsiders*¹, na qual é possível verificar uma relação de submissão e dominância entre os grupos sociais, de acordo com seu poder político e econômico.

Uma possibilidade de renda para uma parte das pessoas acabou surgindo a partir dos resíduos gerados pelo consumo, e servindo também como alternativas para o descarte adequado do lixo, tais processos são denominados de coleta seletiva e de reciclagem e são duas importantes ferramentas para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável, pois envolvem diversas questões como: ambientais, sociais, culturais, econômicas, políticas e institucionais.

¹ “[...] um *establishment* (estabelecido) é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os estabelecidos fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Na língua inglesa, o termo que completa a relação é *outsiders* os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.7).

A coleta seletiva pode ser considerada uma das etapas mais importantes para o sucesso da reciclagem, pois ela é caracterizada por ser um processo em que se recolhem os materiais que podem ser reciclados como: papel, plástico, vidro, metal, entre outros. O processo da coleta seletiva está legalmente previsto no Artigo 1º do Decreto 5.940/06, em que:

A separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis são reguladas pelas disposições deste Decreto (DECRETO Nº 5.940, 2006, p.1).

Este processo tem sua importância, pois, facilita a triagem (separação) de cada grupo de resíduo sólido. Desta forma, um maior percentual de produtos pode ser reciclado e transformado em matéria-prima.

O processo de reciclagem por sua vez, é caracterizado pela transformação de um produto cuja matéria-prima tem serventia para ser transformada em outra, a exemplo disto, temos as latas de alumínio que podem ser transformadas em novas latas, ou, em outros produtos a base de alumínio. De acordo com Filho (2016, p.4):

os materiais coletados para reciclagem podem ser reprocessados de duas formas: reciclagem primária e reciclagem secundária. A reciclagem primária ocorre quando o resíduo é transformado em novos produtos do mesmo tipo, por exemplo, jornais usados em jornais novos e latas de alumínio em novas latas de alumínio. Na reciclagem secundária, os materiais residuais são convertidos em produtos diferentes, há exemplo de pneus usados que podem ser fragmentados e transformados em revestimento emborrachado para estradas e jornais. (FILHO, 2016, p.4)

Dados da Abrelpe (2014) evidenciam que 57% dos municípios do Nordeste brasileiro não contam com nenhum tipo de iniciativa em relação à coleta seletiva e/ou à reciclagem, ou seja, dos 1.794 municípios, 1.027 não contam com nenhuma política voltada para a separação adequada do lixo, de acordo com as categorias: vidro, metal, papel, alumínio, perigosos e orgânicos. E ainda de acordo com Abrelpe (2014), 32% do total de resíduos produzidos no Estado da Paraíba (o que representa cerca de 962 toneladas de resíduos/dia), é depositado de forma inadequada em lixões a céu aberto.

Diante esta contextualização feita sobre a relevância do processo de reciclagem, bem como a problemática existente na destinação final dos resíduos sólidos, é importante destacar então, a atuação do agente coletor de materiais recicláveis.

A PNRS tem uma preocupação de caráter social explícita ao longo de seus artigos, visto que, uma das medidas que a referida legislação impõe, é o de reconhecer e valorizar os profissionais que trabalham com a limpeza pública, sejam eles funcionários de empresas privadas ou agentes coletores de materiais recicláveis (autônomos e/ou associados), prevendo estratégias para (re) integração destas pessoas na sociedade. Isto é previsto no artigo 17 da PNRS, que diz que:

O plano estadual de resíduos sólidos será elaborado para vigência por prazo indeterminado, abrangendo todo o território do Estado, com horizonte de atuação de 20 (vinte) anos e revisões a cada 4 (quatro) anos, e tendo como conteúdo mínimo:

V – metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis (BRASIL, 2010, p.8).

Porém, estas pessoas nem sempre detiveram esta nomeação, até meados do ano de 2002, eles eram erroneamente denominados como catadores de lixo, carregando consigo estereótipos como indivíduos excluídos ou marginalizados, com uma origem que frequentemente se confundia com a da população em situação de rua (mendigos).

Também cabe destacar que por muito tempo, os agentes coletores de material reciclável sofreram (e sofrem) com o preconceito e a discriminação da sociedade perante a sua atividade, sendo esta, considerada por muitos como inferior devido aos estigmas e estereótipos² que ao longo do tempo foram dados a este grupo de pessoas.

Segundo Goffman (1988), as pessoas podem apresentar três reações perante esses estigmas e estereótipos: agressão verbal, agressão física ou a aceitação da rotulagem que lhe é imposta. Todas estas reações interferem no reconhecimento de sua importância social e na sua autoafirmação como indivíduo participante da sociedade.

O não reconhecimento do papel social do coletor de materiais recicláveis mudou parcialmente, no ano de 2002, ano em que através de políticas públicas específicas de inclusão social do Governo Federal, os mesmos passaram a ser reconhecidos pela

² “[...] Os estigmas são provavelmente os rótulos de qualificação de um indivíduo/grupo, que geralmente são depreciativos. Tais rótulos estimulam a instituição de crenças a respeito do indivíduo/grupo, sendo estas projetadas, ampliadas e compartilhadas no/pelo coletivo social mediante a formação dos estereótipos [...] Os estereótipos podem ser definidos, segundo Krüger, “como crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído extensivamente a um agrupamento humano, formado mediante a aplicação de um ou mais critérios [...]”. (LEITE, 2009 p. 4).

Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego (CBO/MTE), como agentes coletores de material reciclável.

De acordo com esta classificação, os agentes coletores de material reciclável são aqueles que: “[...] catam, selecionam e vendem materiais recicláveis” (CBO, 2010, p.805). São profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas e associações com diretoria e gestão dos próprios coletores.

Então, definida sua função em 2002, o agente coletor de materiais recicláveis, recolhe das ruas das cidades, materiais que ainda possam ter uma reutilização, contribuindo para uma diminuição da deficiência na coleta seletiva das referidas localidades, sendo importantes prestadores de serviço ambiental à sociedade, na medida em que retiram grande quantidade de resíduos sólidos, amenizando seus impactos nas cidades brasileiras.

Segundo a CBO (2010), a ocupação “Catador de material reciclável” tem o código 5192-05 (código brasileiro) e código internacional CIU088 9168, sendo nomeados como “recoletadores de basura”. Esta classificação ainda traz outros sinônimos para este profissional, tais como: Catador de ferro-velho; Catador de papel e papelão; Catador de sucata; Catador de vasilhame. Ainda de acordo com a CBO (2010), o acesso à profissão ocorre de forma não regulamentada, não sendo exigidos níveis de escolaridade específicos e nem alguma especialização para atuar.

Apesar da atividade ser considerada como ocupação profissional, conforme aponta MNCR (2016), estas pessoas se submetem a um trabalho árduo sem as mínimas condições de segurança, carregando muitos quilos de resíduos em carroças e na maioria das vezes, se arriscando ao realizar a atividade de coleta em lixões, ficando expostos às diversas doenças, para obter um valor não condizente ao necessário para recompensar o esforço realizado.

Sendo assim, questiona-se até que ponto estas pessoas tem sua profissão reconhecida pela CBO, visto que existe a ausência na efetivação das políticas públicas, o que corrobora com a falta do cumprimento dos direitos e condições trabalhistas dos coletores. Por isso, é necessário compreender mais sobre as concepções destas pessoas sobre meio ambiente e sobre as questões sociais, para verificar a situação em que vivem estes agentes, auxiliando para melhorias na qualidade de vida dos coletores.

4. Metodologia

Para cumprir os objetivos propostos neste trabalho, foram realizados levantamentos de dados através da aplicação de questionários semiestruturados (Apêndice 1), com 12 agentes coletores de materiais recicláveis não associados a cooperativas, nas cidades de Areia, Remígio e Alagoa Grande, localizadas no Estado da Paraíba.

O questionário semiestruturado se caracteriza por conter perguntas abertas (qualitativas) e perguntas fechadas (quantitativas), ou até mesmo os dois casos na mesma questão. De acordo com Quaresma (2005, p.75), esse tipo de questionário “é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados”.

Ainda de acordo com Quaresma (2005), uma das principais virtudes deste tipo de questionário é que eles produzem uma melhor visão da área de interesse, ampliando o poder de discussão dos dados obtidos. Minayo (1996) aponta que as pesquisas que envolvem questões qualitativas são caracterizadas por possuírem significados, motivações, valores e crenças que não podem ser suprimidos em questões quantitativas, ou seja, apenas representadas em números, é necessário que os dados quantitativos e os qualitativos se complementem, e assim, possam mostrar um maior significado dos dados.

Por apresentar questões com alternativas pré-definidas e outras com a possibilidade de uma expressão mais ampla e abrangente (questionário semiestruturado), a pesquisa caracteriza-se por ser qualiquantitativa, na qual, além de obter dados estatísticos, também é possível obter dados mais complexos e interpretativos, podendo aprofundar a discussão, por isso a escolha desta ferramenta.

O questionário utilizado é composto por 37 questões, entre as quais, estão presentes perguntas de investigação socioeconômica como: idade, escolaridade, renda; e outras de cunho ambiental e social, com o objetivo de identificar as concepções sobre o meio ambiente e a sociedade; e visualizar possíveis casos de exclusão social.

Para a aplicação do questionário, foram realizadas três visitas a campo em cada cidade (Areia, Remígio e Alagoa Grande) a fim de capturar o máximo de informações possíveis nestas localidades, visto a dificuldade em localizar os agentes coletores de material reciclável

em um local específico, além de não haver nenhum registro ou cadastro destes agentes junto a uma cooperativa ou órgão responsável como as prefeituras municipais, de modo a saber o número total destas pessoas, e portanto conhecer a totalidade de possíveis entrevistados.

Desta forma, por não se ter um número oficial da quantidade de agentes coletores de material reciclável, mas sim uma média diante as informações obtidas durante a pesquisa, as amostras deste trabalho se caracterizam por serem não probabilísticas, ou seja, não causais. Foi utilizado, portanto, a amostra por acessibilidade (conhecida também por conveniência), na qual segundo Prodanov (2013, p.98):

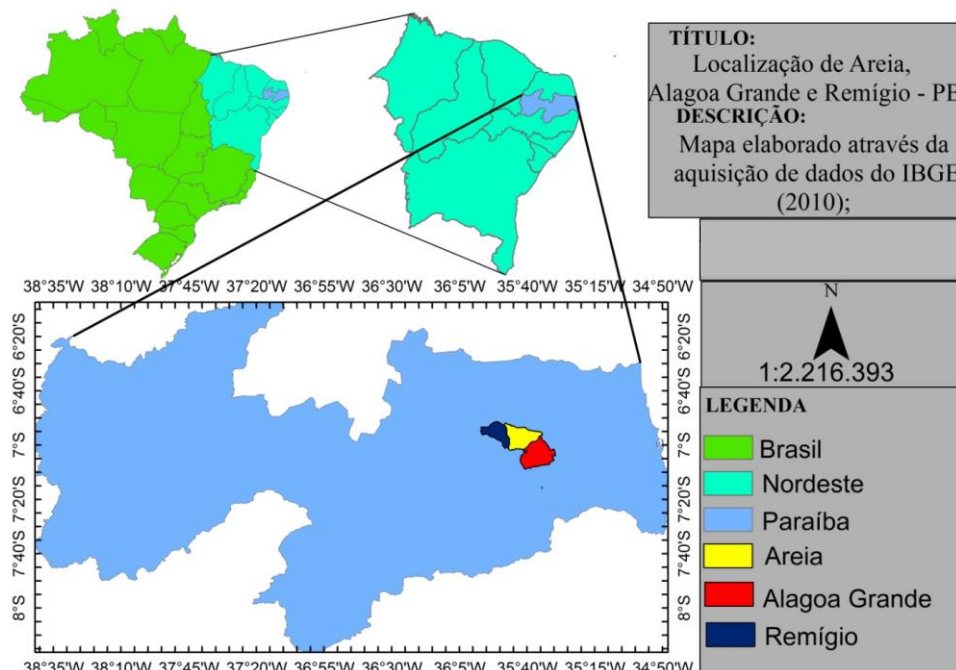
O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo. Aplicamos esse tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, em que não é requerido elevado nível de precisão. (PRODANOV, 2013, p.98):

Posteriormente ao processo de obtenção dos dados, estes foram analisados conforme a metodologia de Bardin (1977), o qual sugere que os dados obtidos em uma pesquisa sejam trabalhados e discutidos em categorias, a qual o autor denomina “análise de caixas”, podendo agrupá-los e discutí-los em diferentes temáticas conforme podemos observar a seguir: Aspectos sócio-demográficos dos agentes coletores de material reciclável; as concepções sócioambientais dos agentes coletores de material reciclável; o processo de invisibilidade sócio-ambiental: o preconceito e discriminação na rotina destes trabalhadores.

4.1 Descrição da área de estudo

Foram escolhidos três municípios do interior da Paraíba (Figura 1) para o desenvolvimento da pesquisa, visto a ausência de trabalhos na localidade: Areia, Remígio e Alagoa Grande, as quais são caracterizadas abaixo.

Figura 1. Mapa de Localização dos municípios da pesquisa.



Fonte: Autor

O município de Areia está localizado na microrregião do brejo paraibano, a cerca de 120 km da capital da Paraíba, João Pessoa. Segundo os dados do último censo em 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município era estimada em 23.829 habitantes, o que corresponde a uma taxa demográfica de 88,42 hab/km². Seu índice de desenvolvimento humano (IDH) é de 0,594, nos quais 66% (15.649 pessoas) da população são alfabetizadas (IBGE, 2010), o que demonstra a elevada taxa de analfabetos no município.

De acordo com o IBGE (2010), Remígio é um município brasileiro do Estado da Paraíba. Está localizado na microrregião do Curimataú. De acordo com o IBGE, no ano de 2010 sua população era estimada em 18.922 habitantes em uma área territorial de 180 km², correspondendo a 98,77 hab/km². O IDH deste município é de 0,607, nos quais 57,7% (11.295 pessoas) da população são alfabetizadas (IBGE, 2010), fator que demonstra que ainda existem muitos analfabetos residentes no município.

O município de Alagoa Grande segundo o IBGE (2010) está localizado na microrregião do brejo paraibano, com uma população estimada em 28.482 habitantes, distribuídos em uma área de 320,558 Km², com o IDH em 0,609, têm a agricultura como principal fonte de geração de renda.

5. Resultados e discussão

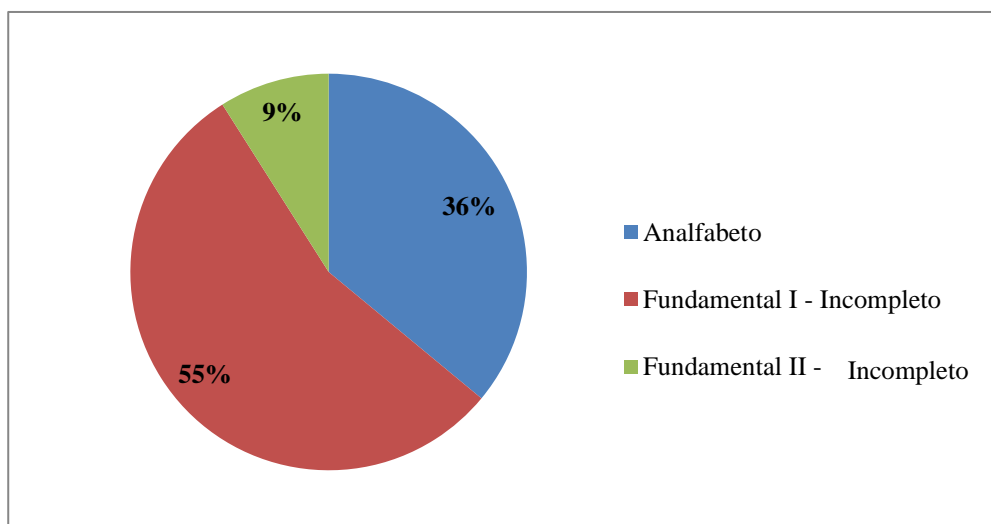
Foram entrevistados 12 agentes coletores de material reciclável distribuídos nos três municípios envolvidos nesta pesquisa, sendo que deste total 1 agente optou por não responder ao questionário. Desta forma, os dados que serão discutidos a seguir, se baseiam nas informações obtidas com 11 participantes.

5.1 Aspectos sócio-demográficos dos agentes coletores de material reciclável

A maioria destes participantes (83%) era do sexo masculino com faixa etária entre 30 a 39 anos (55%) e de 40 a 59 anos (45%). Uma grande porcentagem destes coletores (46%) realiza a coleta há mais de 10 anos, mostrando um tempo elevado de atuação nesta atividade, portanto as respostas e opiniões destes agentes podem ser consideradas consistentes e relevantes, uma vez que já possuem experiência na execução desta atividade.

Em geral, os entrevistados apresentaram um baixo nível de escolaridade, sendo 36% analfabetos, 55% com o ensino fundamental I (1º ao 5º ano) incompleto e 9% com ensino fundamental II (6º ao 9º ano) incompleto, conforme exposto abaixo no gráfico 1.

Gráfico 1. Nível de escolaridade dos entrevistados.



Fonte: Autor

O nível de escolaridade provavelmente é um dos fatores determinantes para adesão à profissão, isso pode ser observado em alguns trabalhos como os de Galdino & Malysz (2012) e Oliveira *et al* [s.d], em que os agentes coletores frequentemente executam esta atividade por

não conseguirem equidade de condições para concorrer no mercado de trabalho, devido a baixa escolaridade.

Por isso, diante a ausência de oportunidades geradas pela baixa escolaridade, os coletores com a necessidade de sustentar a sua família, acabam executando a atividade devido às “facilidades” que o ofício apresenta para seu ingresso, visto que não existem nenhum órgão ou sindicatos regulamentadores que façam exigência de pré-requisitos básicos, tais como: escolaridade, cursos de capacitação e a utilização de equipamentos de proteção individual.

A escolaridade é um dos fatores mais influentes na sociedade, sendo diretamente ligada nas relações entre as diferenças econômicas encontradas nas classes sociais. Geralmente, pessoas com maior poder aquisitivo tendem a ter mais chances empregatícias, devido às oportunidades que estas têm para estudar, em relação aos grupos menos favorecidos. Esses dados são constatados pelo IPEA – Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada (2014) e dados de Censo de 2010 (IBGE, 2010), o qual ao cruzarem dados de escolaridade e condições financeiras, constata-se que a população com maior escolaridade encontra-se em melhor condição econômica.

Este cenário é fortemente observado nas últimas décadas no Brasil, mostrando a necessidade de políticas públicas de inclusão social que visem amenizar as desigualdades existentes desde a época da colonização em nosso país. Porém, mesmo que existam algumas ações neste sentido, se observa um nível de desigualdade social elevado nas diferentes regiões do Brasil, onde um dos principais motivos dessa diferença está correlacionado a falta oportunidades de contato com a educação formal.

Como essas pessoas acabam sendo pouco instruídas, devido às dificuldades em permanecer na escola, ocorre uma falta de conhecimento na busca pelo cumprimento de seus direitos, valorização e condições dignas de trabalho, como remuneração adequada, principalmente, ocasionados pela ausência da atuação do Estado, na efetivação das políticas públicas para ampliação da empregabilidade e/ou de diminuição ou superação da pobreza.

A falta de atenção por parte do Estado com os agentes coletores acaba por agravar as tensões sociais criadas pela baixa escolaridade. Bosi (2008) traz um atenuante para esta discussão no sentido de que apesar de existirem políticas públicas para a gestão dos resíduos sólidos, nas quais o agente coletor (deveria ser) é tratado com uma das principais figuras,

como verificamos na CBO de 2010 e na PNRS de 2010, é necessário o conhecimento do público-alvo destas.

Porém, se pergarmos como exemplo a PNRS e a PNEA, o que observamos é que não existe o conhecimento satisfatório sobre quem são os agentes coletores como já discutido em tópicos anteriores. Desta forma, questiona-se: como valorizar um grupo de pessoas que o poder público desconhece, não sabe informações básicas, como a quantidade e a localização destas pessoas?

Por isso, é necessária a atuação mais incisiva dos municípios para a efetivação das políticas públicas já existentes, como realização de cadastros que fomentariam dados como idade, sexo, escolaridade, renda, e a partir disto colocar as legislações em ação, e assim, amenizar as dificuldades encontradas por estas pessoas durante o exercício de sua atividade.

Todavia, infelizmente a realidade nos três municípios desta pesquisa encontra-se longe disto. Quando os agentes foram questionados sobre o auxílio e a participação da prefeitura em seu trabalho, verificamos que em nenhuma cidade existem ações voltadas para estas pessoas, conforme apontado em algumas falas:

“A prefeitura nunca me ajudou em nada, graças a Deus nunca precisei”. (AG1, Alagoa Grande);

“Não, aqui em Remígio não tem apoio nenhum, uma vez eu já fui lá pra pedir ajuda pra comprar uma carroça, mas não consegui” (AG 2, Remígio);

“A prefeitura de Areia já fez umas reuniões, mas não deu em nada, desta gestão de _____³ não se espera nada” (AG3, Areia).

Essas falas demonstram que falta a conectividade prevista nas legislações, principalmente na PNRS, entre a gestão pública e as ações dos agentes. Em um trabalho em conjunto, ambos sairiam ganhando, a prefeitura seria beneficiada em relação ao processo de coleta e destinação dos resíduos sólidos, retirando de suas respectivas cidades uma quantidade significativa de resíduos e para o agente, possivelmente na melhoria das condições de trabalho, com o pagamento justo e garantia de direitos trabalhistas.

Uma das formas de aproximação entre prefeitura municipal e os agentes coletores seria através das cooperativas e/ou associações, porém ausentes nos municípios desta

³ Optou-se por omitir o nome do Prefeito por questões éticas.

pesquisa. De acordo com Medeiros & Macedo (2006) e Magera (2003), no Brasil, estas cooperativas são recentes, e possuem papel importante no sentido de promover ações, principalmente, no tocante das condições de trabalho e nas negociações do material, promovendo vendas mais lucrativas e gerando uma maior renda para estas pessoas.

A falta de atenção do Estado com os coletores faz com que estes acabem tendo uma rotina trabalhista exaustiva, perigosa e com remuneração inadequada. Por isso, durante o trabalho, foram investigados alguns aspectos envolvendo as condições de trabalho nas quais estas pessoas estão inseridas.

Quanto aos materiais coletados, foi possível perceber que existe uma grande quantidade e variedade conforme a tabela 1, tais como: papelão, garrafas *pet*, vidro, alumínio entre outros, com vendas realizadas de forma mensal para 82% dos entrevistados à atravessadores nos próprios municípios.

Tabela 1. Lista dos principais materiais coletados e vendidos pelos entrevistados na pesquisa.

Tipo de Material Coletado	Localização dos coletores			Preço médio/ Kg em R\$⁴
Papel	Areia,	Alagoa	Grande,	0,38
	Remígio			
Papelão	Areia,	Alagoa	Grande,	0,33
	Remígio			
Garrafas <i>Pet</i>	Areia,	Alagoa	Grande,	1,55
	Remígio			
Plásticos	Areia,	Alagoa	Grande,	0,55
	Remígio			
Alumínio	Areia,	Alagoa	Grande,	2,60
	Remígio			
Vidro		Remígio		0,05
Outros Materiais		Areia		--

Fonte: Autor

Observa-se que papel, papelão, garrafas *pet*, plásticos e alumínio são materiais que foram citados por coletores nos três municípios da pesquisa. De acordo com Pereira & Melo

⁴ Os dados referentes ao valor médio pago para cada tipo de material reciclável foi consultado no trabalho desenvolvido por Arantes & Borges (2013).

(2008), em trabalho realizado no município de Campina Grande-PB, o alumínio e o cobre possuem melhor preço de venda, seguidos por papelão e plástico, desta forma, tornam-se os resíduos com maiores índices de coleta.

Outro ponto importante abordado na pesquisa foi em relação à identificação dos locais de coleta dos materiais, destacando-se com 72% das citações: ruas, casas e *shows*/eventos, além de outros locais também citados como: supermercados, hospitais, escolas, os quais juntos representaram 28% das respostas. Estes valores se aproximam muito dos encontrados por Silva (2014), que também apontam como principal local de coleta as vias públicas.

A coleta dos materiais citados anteriormente é feita diariamente de acordo com 91% dos entrevistados, com duração média de 10 horas/dia, rendendo ao final do mês mais de 300 kg de resíduos, equivalendo à aproximadamente R\$ 0,40 centavos/Kg, gerando em torno de 300 a 350 reais mensais, média esta, encontrada também por Galdino *et al* (2012) em pesquisa realizada na cidade de Campina Grande - PB. Observa-se, que a renda obtida por esses agentes é inferior a média nacional dos coletores estimada em R\$ 571,00, segundo dados do IBGE (2010).

Além da renda dos coletores de Areia, Alagoa Grande e Remígio ser inferior a renda média nacional dos agentes coletores de material reciclável, este valor (R\$350,00) corresponde a apenas 39,8% do salário mínimo atual (R\$ 880,00)⁵. Sendo esta, considerada a única fonte de renda para os agentes desta pesquisa, exceto para 18% que afirmam realizar outras atividades como: descarregar caminhão e ajudante de pedreiro para complementação da renda.

Diante aos baixos valores obtidos pela venda, 55% dos entrevistados afirmaram ser injusto o valor que os atravessadores pagam pelos materiais, diante a sua quantidade e dificuldade em coletá-los. Como aponta Viana (2000), os atravessadores acabam se beneficiando (às vezes de forma desleal) da dificuldade dos coletores em se locomover para regiões mais lucrativas. Porém, cabe destacar, que não existe nenhuma legislação de orientação quanto ao valor mínimo que deve ser pago por estes materiais, mostrando mais uma vez, que existe a falta de amparo do Estado para com estas pessoas, uma vez que a ausência de fixação de valores faz com que estes sejam bem abaixo do valor justo, conforme observamos na tabela anterior (tabela 1).

⁵ Valor de referência do salário mínimo atual equivalente a US\$263.

Além desta renda ser muito abaixo do salário mínimo atual, a mesma é destinada, em média, ao sustento de 5 ou mais pessoas, conforme observado nesta pesquisa, que registrou casos de até 14 pessoas por família sobrevivendo com R\$ 350,00. Na Pesquisa de Aquino *et al* (2015), no Estado do Paraná, também evidenciaram que a maioria dos participantes, possuíam mais de quatro pessoas em sua composição familiar, sobrevivendo apenas do valor obtido com a coleta, que evidentemente, não é suficiente para que possa haver o mínimo de qualidade de vida possível.

A baixa remuneração acaba por alimentar as desigualdades sociais já existentes, fazendo com que muito possivelmente, haja a evasão escolar dos filhos destes coletores para trabalhar e auxiliar no sustento de sua família. Neste sentido, é destacada a importância de ações sociais do Governo Federal como o programa “Bolsa Família” e “Bolsa Escola”, aliadas a melhorias na qualidade da educação, para que as chances de conclusão do ensino básico de crianças de famílias de baixa renda possam ser aumentadas.

Durante as atividades, os agentes alegaram que é muito comum sofrer ou encontrar casos de doenças e acidentes de trabalho, como cortes e contaminações. Por isso, de acordo com Ramos (2012) o uso de equipamentos de proteção individual (EPI), visa garantir a integridade no trabalho destas pessoas e deveria ser obrigatório, visto o grau de perigo ao qual estão expostas.

Porém, mesmo com a necessidade da utilização dos EPI's, 45% dos entrevistados desta pesquisa afirmou não utilizá-los, pois são incômodos, ou apresentam um valor de aquisição elevado, que comprometeria a renda para o sustento da família. Esta poderia ser uma das possibilidades na qual as Prefeituras poderiam auxiliar os agentes coletores, uma vez que, o custo destes materiais é alto para uma pessoa que tem baixa renda.

Mesmo os que disseram fazer uso dos EPI's (55%), durante a entrevista nenhum estava utilizando tais equipamentos. Alguns entrevistados chegaram a dizer que haviam esquecido de pegar luvas, máscaras e botas no dia. Isto mostra que estes agentes têm o conhecimento da necessidade em utilizar os EPI's, porém as dificuldades econômicas, aliadas a ausência de apoio do Estado e até a própria falta de interesse dos agentes quanto à utilização destes equipamentos, acabam por comprometer este processo.

Diante a necessidade do uso de EPI's, foi questionado se os mesmos já apresentaram algum problema de saúde relativo ao processo de coleta, e 18% afirmou já ter tido algum problema como é evidenciado abaixo:

“Já sofri cortes, o pessoal joga vrido (sic.) quebrado nas bolsa (sic.) aí quando a gente vai pegar se corta. Quando não é vrido (sic.) é agulha, prego, essas coisas. (AG 1, Areia);

“As veis (sic.) já fui “mordido” por uns insetos nos pés, ficou doendo por uns dias” (AG 2, Remígio);

“Rapaz, às vezes a coluna dói, não sou mais novo e tem dia que a carroça vem bem cheia e pesada”. (AG 3, Remígio).

Observando as respostas acima, vemos a importância do uso dos EPI's como no caso de (AG1, Areia) para a proteção contra acidentes. Alguns autores como Ferreira (1997); e Ramos (2012) destacam que nesta profissão, os acidentes envolvendo cortes e perfurações são os mais comuns. Além disto, outras doenças acabam surgindo ao longo do tempo, ou seja, as doenças crônicas, destacadas por Porto *et al* (2004) são elas: as dores corporais, problemas osteo-articulares, diabetes, hipertensão, doenças de pele entre outros.

Porém, não obtivemos êxito ao procurarmos alguma legislação ou até mesmo algum documento que aponte a obrigatoriedade e orientações para este público a utilizar estes equipamentos. Os entrevistados demonstraram não estar muito preocupados com a utilização dos EPI'S e com os riscos que a profissão pode causar a sua saúde física e mental, principalmente, pelas condições de renda e a necessidade de sobrevivência de sua família, fato este, observado também, na pesquisa realizada por Porto *et al* (2004).

Cardozo *et al* (2005) e Ramos (2012), ainda nos trazem uma importante informação, dizendo que são poucas as pesquisas epidemiológicas sobre as pessoas ligadas ao gerenciamento de resíduos sólidos, principalmente, quando se trata dos coletores de material reciclável, grupo de trabalhadores que os autores afirmam ser os mais vulneráveis a acidentes devido as suas condições de trabalho. Por isso, pode-se justificar o fato de poucas pessoas entrevistadas utilizarem EPI's, visto que os problemas de saúde oriundos da profissão são pouco estudados e divulgados.

Por isso, é importante que o Estado juntamente com as prefeituras municipais busquem a efetivação das políticas públicas já existentes, tais como a Política Nacional de

resíduos sólidos e a Política Nacional de Educação Ambiental, ambas que objetivam a valorização dos profissionais que lidam diretamente com a coleta dos resíduos sólidos.

É necessário inicialmente, conhecer quem são os agentes coletores, ter dados para que a partir disto, possa ir além e valorizar as questões sócio-ambientais, permitindo desta forma, que estas pessoas possam ter uma melhor qualidade de vida e que seu importante trabalho seja reconhecido pela sociedade. Este trabalho evidencia a necessidade das ações do poder público que sejam direcionadas aos coletores, fornecendo dados iniciais para que a investigação sobre estas pessoas possa ser aprofundada.

5.2 As concepções socioambientais dos agentes coletores de material reciclável

O agente coletor de material reciclável transita entre dois importantes aspectos da nossa sociedade: questões ambientais e o preconceito social. Por isso, no contexto geral, as pessoas que estão diretamente envolvidas no processo de gerenciamento dos resíduos sólidos, como os coletores de materiais recicláveis, torna-se necessário (re) formular os seus valores perante a sociedade.

Por isso, se buscou conhecer algumas concepções básicas envolvendo o trabalho desses agentes como, por exemplo, o que seria o meio ambiente? A princípio, esta definição apresentou-se não muito clara para os coletores, sendo que a maioria não soube definí-lo, e as demais deram concepções muito superficiais, como observamos a seguir:

“A natureza né? Os bichos” (AG 1, Areia);

“A natureza, as árvores, tudo o que se vê por aí” (AG 2, Areia);

“Pra mim, uma cidade limpa, pra defender o solo e a camada de ozônio” (AG 3, Areia);

“A natureza e os bicho, essas matas” (AG 1, Remígio);

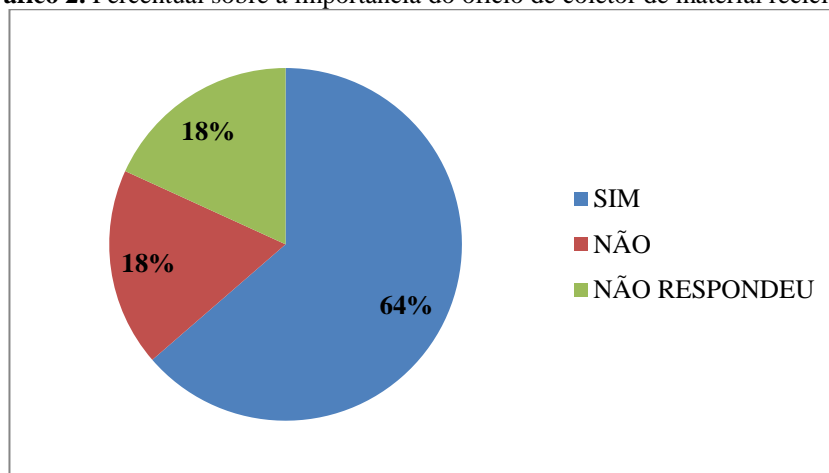
“A natureza” (AG 2, Alagoa Grande).

Ao analisarmos as falas acima, observamos que os termos: “natureza” e “bichos” foram os mais citados para definir sobre o que seria o meio ambiente. Como exceção, temos a fala do (AG3, Areia) que trouxe concepções mais aprofundadas como: “cidade limpa”, “defender o solo” e “camada de ozônio”, desta forma, é possível afirmar que este coletor tem uma visão diferenciada sobre o que seria o meio ambiente.

De acordo com a classificação de conceitos sobre meio ambiente (Anexo 1) de Sauvé (2003) *apud*. Inocêncio (2012), essas definições apontadas pelos agentes são ditas como uma visão naturalista, em que: “o meio ambiente é visto apenas como sinônimo de meio natural, que envolve aspectos da fauna e da flora sem envolver o ser humano” (INOCÊNCIO, 2012, p.44). Já com relação às concepções apontadas por (AG3, Areia), nota-se uma visão de meio ambiente relacionada a recurso e a problema, no qual segundo Sauvé (2003), a “[...] concepção de meio ambiente está associada ao manejo, utilização e a proteção dos recursos naturais” e “são evidenciados os problemas ambientais” (INOCÊNCIO, 2012, p.44).

Além da visão do que seria ambiente, buscamos analisar, a autoimagem da importância destes agentes para o meio ambiente, de modo que foi feita a pergunta: “Sua profissão é importante para o meio ambiente?”. Após a análise, foi possível verificar conforme o gráfico abaixo (Gráfico 2), que houve uma variação nas respostas, nas quais 64% destes entrevistados se consideraram indivíduos importantes para este meio.

Gráfico 2. Percentual sobre a importância do ofício de coletor de material reciclável.



Fonte: Autor

Contudo, mesmo que estes entrevistados apontem sua importância em relação às questões ambientais, foi observado anteriormente, o desconhecimento por parte deles sobre alguns conceitos básicos acerca de meio ambiente, como a própria definição deste. Porém, não podemos atribuir este déficit apenas a “vontade” dos coletores na busca pelo conhecimento, temos que lembrar que as situações sociais acabam impedindo os coletores em ter acesso a muitas informações, sejam estas através da educação formal e/ou informal.

Após conhecer as definições dos agentes em relação ao meio ambiente, foi questionado aos mesmos se eles consideravam-se importantes para a sociedade. E as respostas foram as seguintes:

“Se não fosse a reciclagem, teria muito mais lixo jogado por aí” (AG 1, Areia);

“Acho que não, o importante é não poluir” (AG 2, Areia);

“Ajuda por que nos lugares onde a gente passa, tem muita garrafa e vi na televisão que demora uns 3 a 4 anos em média pra elas sumir (sic.) e isso acaba com o solo” (AG 3, Areia);

“Por que fica tirando lixo do meio ambiente” (AG 1, Alagoa Grande);

“Acho que não muito” (AG 1, Remígio);

“Sim por que a gente tá (sic.) tirando o lixo da cidade” (AG 3, Remígio).

Os entrevistados que afirmaram contribuir com a sociedade, atribuíram isto ao fato de retirarem das cidades os materiais que ainda podem ser reaproveitados como é observado nas falas de (AG1, Areia) e (AG3, Remígio). Galdino & Malysz (2012), ainda destacam que os coletores acabam por ter diferentes papéis na gestão de resíduos dentro da sociedade, o primeiro é em relação ao auxílio na limpeza das vias públicas, o segundo fator é a coleta e separação (coleta seletiva) dos materiais que podem ser reciclados, e o terceiro ponto é o destino adequado destes resíduos.

Ou seja, os agentes coletores de materiais recicláveis contribuem com a gestão dos resíduos sólidos, mesmo que de maneira inconsciente, sem saber de forma aprofundada os conceitos sobre o meio ambiente e entender com complexidade a sua importância no âmbito social e ambiental. Então, além da baixa escolaridade ser um dos fatores que influenciam os coletores ao acesso a profissão, ela interfere também no desconhecimento destes trabalhadores em relação ao próprio ofício. Desta forma, o trabalho acaba sendo executado sem o conhecimento amplo sobre a sua importância para a sociedade e ao meio.

Foi questionado ainda aos agentes sobre a definição de lixo, uma vez que este se trata do seu objeto principal de trabalho. As definições da NBR (2004) e CONAMA (1993) nos trazem uma ideia bem ampla sobre o que seria lixo, desde sua origem podendo ser: residencial, comercial, industrial, especial, radioativo, público, portos, agrícolas e entulhos, até as classes enquanto periculosidade. Nas falas abaixo, foram evidenciadas algumas respostas relacionadas ao questionamento acima.

“É tudo o que a gente vai catando” (AG 1, Areia);
“Papel higiênico, sujeira, tudo o que não dá pra reciclar” (AG 2, Areia);
“Material orgânico, o resto dá pra aproveitar” (AG 3, Areia);
“É tudo o que se vê por aí, é tudo o que as pessoas não querem mais” (AG 1, Remigio);
“Tudo o que não é reciclado” (AG 2, Remigio);
“Pra mim, é o entulho véi que fica na rua” (AG 3, Remigio);
“É o que as pessoas não querem mais, é da onde eu faço um trocado” (AG 1, Alagoa grande).

De acordo com os estudos realizados por Gonçalves (2003) a concepção sobre o que seria lixo não é tão clara e objetiva para a sociedade de forma geral. Como foi observado nas falas acima, as definições de lixo estão centralizadas na ideia de descarte de produtos que não tem mais serventia para as pessoas, sendo associados a coisas inúteis ou ruins.

Se pegarmos como exemplo as falas de (AG1- Remigio) e (AG1- Alagoa Grande) para a discussão, vemos a mesma associação que Galdino & Malysz (2012) encontraram em sua pesquisa, na qual o lixo é remetido às coisas que não prestam mais, e que necessariamente deva ser afastado de nós.

Sendo assim, Mota *et al* (2003, p.93) apud Mazzini (2004), dizem que “a palavra lixo, nos seus similares linguísticos, em uma abordagem semiótica, possui diversos e diferentes significantes, mas o seu significado é muito semelhante, quando se fala de sujeira, coisa desagradável, feia, repugnante, etc”. Diante a esta discussão, podemos verificar que não somente os agentes coletores, mas sim a sociedade de forma geral, possui um conceito incompleto, ou às vezes errado, sobre o que seria lixo, sendo observada neste ponto, a volta dos estigmas e estereótipos, que acabam rotulando o lixo como algo inútil e consequentemente os agentes por trabalharem com lixo.

Porém, de acordo com Gonçalves (2003), cerca de 40% do material que compõe o lixo é constituído de objetos que podem ser reciclados, desta forma, classificar o lixo como “tudo aquilo que não presta”, ou que, “não tem mais serventia” é uma ideia errônea. Nas falas de (AG2, Areia), (AG3, Areia), (AG2, Remigio) e (AG1, Alagoa Grande), conseguimos observar uma classificação que vai além da ideia de descarte, que se deve ao fato da utilidade do lixo para estes coletores.

Quando passamos a ter um contato mais próximo com algum objeto, a exemplo do lixo, começamos a ter uma visão paulatinamente modificada sobre este, fazendo com que tal material passe a ter uma significância. No caso dos coletores, a possibilidade de renda originada a partir da coleta destes resíduos, fez com que a ideia de inutilidade fosse aos poucos desconstruída, e um novo valor social e econômico atribuído ao conceito de lixo.

Por isso, são necessários trabalhos que vão desde a valorização destes profissionais (agentes coletores), até mesmo medidas interventivas através da educação ambiental para que todos os cidadãos possam ter a possibilidade de reconstruir seus valores quanto às questões ambientais. A partir disto, existe a chance de que a sociedade torne-se mais sustentável e que os agentes coletores possam vir a ter uma melhor qualidade de vida.

5.3 O processo de invisibilidade sócio-ambiental: o preconceito e discriminação na rotina destes trabalhadores

Um importante fator na rotina dos agentes coletores é o preconceito social, no qual Galdino & Malysz (2012), dizem que a sociedade trata os trabalhos relacionados com o lixo como profissão inferiorizada, e abordam as pessoas envolvidas neste processo como sendo “somente mais um integrante da paisagem urbana, sem identidade” Galdino *et al* (2012, p.5).

Estas atitudes de preconceito iniciam-se nas próprias definições pejorativas que rodeiam o objeto principal de trabalho dos coletores: o lixo, como foi discutido no tópico anterior. De acordo com Heiden (2007) *apud* Passos *et al* (2010, p.4), lixo pode ser considerado “qualquer material gerado pela atividade humana, que além de não possuir utilidade, é de caráter supérfluo e repugnante ou sem valor, necessitando de eliminação” ou ainda “o lixo é um resíduo desprezado pelo homem, pois alude aos restos da atividade humana ou a sobra indesejada de um processo de produção” Velloso (2007) *apud* Passos *et al* (2010, p.4).

Diante disto, muitas pessoas acabam apontando estereótipos e estigmas a esta profissão, como: indigna, suja, rejeitados, entre outros, fazendo uma associação equivocada entre a pessoa e o objeto do seu trabalho. Estes conceitos estão claramente conceituados por Goffman (1988), que explicita estereótipos e estigmas sendo as atribuições, geralmente pejorativas, que determinado indivíduo ou grupos de indivíduos recebem por outras pessoas que se sentem

superiores as demais. São uma espécie de rótulos (tatuagens) formados pela não aceitação das diferenças que acabam sendo propagados pela sociedade, influenciando diretamente na qualidade de vida do sujeito alvo dos estigmas e estereótipos.

Surge aí a problemática da exclusão social, que de acordo com Medeiros & Macedo (2006, p. 4): “ [...] supõe uma lógica que preside um padrão de relações em uma sociedade que, ao mesmo tempo, inclui e exclui por meio de um conjunto”. Desta forma Migueles (2004) afirma que as condições de trabalho excludentes, interferem na identificação dos coletores com o seu trabalho, (des) reconhecendo sua importância perante a sociedade.

Estes agentes acabam se tornando invisíveis aos olhos da sociedade. Trata-se, da invisibilidade social apontada por Sobral *et al* (2009, p.4) em pesquisa realizada em Campina Grande-PB, os quais afirmam que “[...] o desenvolvimento da atividade de catação de materiais recicláveis é permeado por vulnerabilidades, fragilidades e precariedades”. E que este grupo de trabalhadores pode ser claramente conceituado como *outsiders*, que de acordo com Elias & Scotson (2000, p.7), trata-se de pessoas que estão fora do “padrão de uma determinada sociedade,” geralmente tendo condições de renda e escolaridade inferiores as demais, sendo “um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem as outras pessoas”.

Enquanto Elias & Scotson (2000) tratam da questão social, Medeiros & Macedo (2006), mostram ainda que estes profissionais sofrem uma espécie de desaparecimento psicossocial perante os demais. Sawaia (2001) complementa esta ideia, dizendo que este processo é complexo, envolvendo três dimensões: a dimensão objetiva mediante a desigualdade social; a dimensão ética através das injustiças; e a dimensão subjetiva através do sofrimento psíquico, ou seja, existe o processo de exclusão velada, disfarçada, oculta e que por muitas vezes acaba responsabilizando o sujeito (neste caso o coletor) por sua condição de exclusão, sendo comum presenciarmos atitudes do tipo: “ele (catador) está ali porque quer” ou “ele tem que arrumar um emprego”, evidenciando uma condição de marginalização a qual supostamente na visão destas pessoas foi a escolha dos coletores.

Desta forma, foi questionado aos agentes sobre os possíveis casos de preconceito ou discriminação sofridos por eles, e 64% afirmaram já terem sido alvos destas atitudes durante as coletas. Abaixo, foram descritos alguns casos:

“[...] teve uma vez que fui chamado pelo promotor, dizendo que eu não podia catar e nem juntar meu material para não juntar bicho, como barata, rato, estas coisas, se não eu ia pagar até multa, mas o que eu vou fazer? É meu “ganha pão”. (AG 1, Remígio);

“Ah tem muito disso, o pessoal “solta” muita piada, pilhéria. Me chama de catador de lixo, manda arrumar um emprego” (AG 2, Remígio);

“Tem muito preconceito, o pessoal diz que mulher não pode trabalhar nisso, que não pode fazer estes serviço (sic.)” (AG 3, Remígio);

“Tem gente que reclama, diz que eu fico abrindo as bolsas de lixo e que bagunça tudo” (AG 1, Areia);

“Às vezes o povo “acham” ruim por que to revirando o lixo, mandam eu procurar um emprego. (AG 1, Alagoa Grande).

Podemos verificar diversos atos de preconceitos contra estas pessoas, inclusive em relação ao gênero, conforme (AG3, Remígio). Sobral *et al* (2009), destacam que o gênero acaba sendo também evidenciado, pois para a sociedade, a atividade de coletar materiais é restrita ao sexo masculino.

Estes preconceitos que muitas vezes fomentam estigmas caracterizados nas ideias de Elias & Scotson (2000) sustentam o *status quo* da desigualdade social que ocorre no Brasil, ou seja, quem tem condições socioeconômicas, possui acesso à escolarização, acesso aos melhores trabalhos, à ampliação de cultura, melhores condições de renda e assim se perpetua a desigualdade social pela reprodução, como já afirma Bourdieu (2009) em sua obra “A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”.

Esta problemática é acentuada quando se verificam as reações destes agentes perante aos atos preconceituosos, reações estas, que acabam revelando uma aceitação da ideia de inferiorização, a aceitação dos estigmas que lhe é imposta, assim como constatado nas pesquisas de Elias & Scotson (2000) em Winston, Inglaterra, ao discutir as questões de diferenças entre classes.

De acordo com Goffman (1988, p.29): “[...] as pessoas que têm um estigma aceito fornecem um modelo de "normalização" que mostra até que ponto podem chegar os normais quando tratam uma pessoa estigmatizada como se ela fosse um igual”. Grande parte dos entrevistados (91%) afirmou que não toma nenhuma atitude diante aos atos de preconceito e discriminação, por que segundo estes, a discussão seria pior, desta forma, acabam tratando a situação como algo normal.

Outro questionamento realizado foi em relação ao modo como estes coletores se vêem aos olhos da sociedade, sendo que os participantes da pesquisa afirmaram que:

“Algumas enxergam um homem trabalhador, importante, outras não dizem nada, mas só pelo olhar.” (AG1, Areia);

“Ah!, tem gente que acha a gente sujo, mas em casa eu tomo banho. Ninguém é catador por que quer” (AG3, Areia);

“É como eu disse, nas festas as pessoas ficam pensando, olha o trouxa catando latinha, mas tô (*sic*) fazendo meu dinheiro sem pegar nada de ninguém”. (AG4, Areia);

“Acham bom, porque não estou fazendo coisa errada” (AG1, Alagoa Grande);

“Ficam falando por que eu não procuro outra coisa, um emprego” (AG2, Alagoa Grande).

As falas demonstram uma carga preconceituosa muito elevada, principalmente com as respostas de (AG3, Areia) e (AG4, Areia). Praticamente todos os entrevistados não consideram que a sociedade veja aspectos positivos em sua profissão. Desta forma, é importante fazer uma análise entre a visão que os coletores têm da sociedade sobre seu trabalho e a sua própria visão da atividade. Por isso foi perguntado: “Qual a sua visão sobre o trabalho de coletar material reciclável?”:

“Eu acho bom, sempre gostei, o “caba” trabalha pra pessoa mesmo” (*sic*) (AG 1, Remigio);

“Acho importante, porque ajuda a limpar a rua, tem material que demora pra se acabar” (AG 2, Remigio);

“Bom é minha renda, consigo um pouco de dinheiro” (AG 3, Remigio);

“Acho uma profissão de valor, as pessoas acham a gente um “caba” (*sic*) trabalhador” (AG 1, Areia);

“É bom, melhor que ficar em casa e fumar maconha” (AG 2, Areia);

“Eu me vejo um trabalhador normal, não estou roubando” (AG 3, Areia);

“Na minha visão é bom, por que me dá dinheiro” (AG 4, Areia);

“É o que tenho para sustentar a minha família” (AG 1, Alagoa Grande).

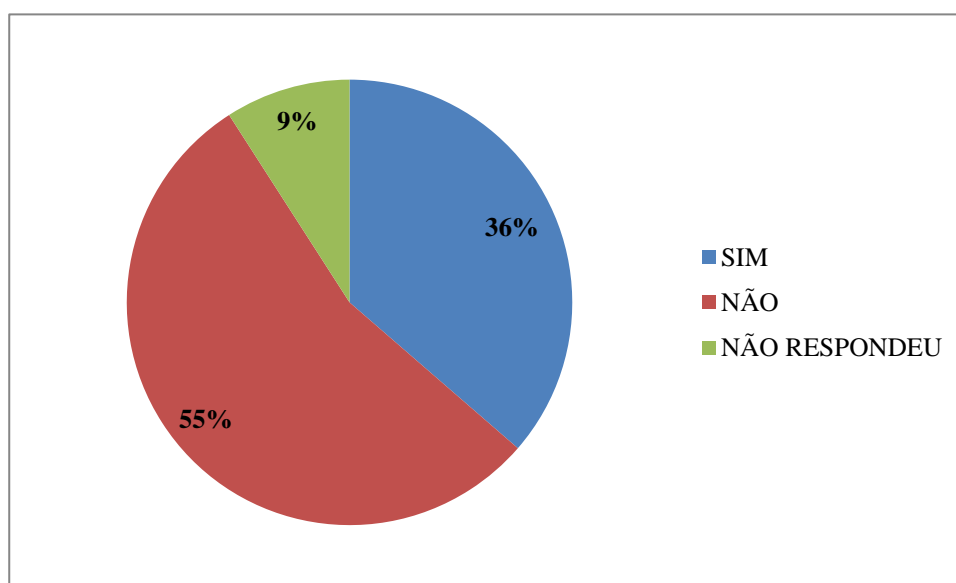
Assim como Dall’agnol (2007), evidenciamos a questão da renda na vida destas pessoas, como na fala de (AG3, Remigio) mostrando que quando questionados sobre seu ofício, os coletores acabam dando um maior destaque a possibilidade de renda, do que no

próprio entendimento sobre a atividade de coletar material reciclável. Outros problemas sociais também são destacados como exemplo o uso de drogas ilícitas, citado por (AG2, Areia).

Mesmo diante as adversidades, em geral, os entrevistados se consideram felizes com a profissão que exercem, principalmente, pelo fato da geração de renda para a sobrevivência da família, o que evita atitudes como furtos e roubos. Porém, quando questionados, se mudariam de profissão caso houvesse uma possibilidade, 91% disseram que mudariam, mostrando que as ausências de outras oportunidades influenciam na adesão e continuidade nesta profissão.

Pode-se observar um fator importante em relação às questões da exclusão destes coletores, no momento em que grande parte (55%) dos entrevistados não gostaria que seus filhos seguissem nesta atividade, conforme mostra o gráfico 3.

Gráfico 3. Percentual de entrevistados a favor do seguimento de seus filhos na profissão.



Fonte: Autor

Quando instigados a justificar o porquê de não querer seus filhos na profissão a maioria afirmou que as crianças devem estar estudando para conseguir melhores oportunidades de emprego, conforme vemos abaixo:

“Não, eles têm que estudar, para conseguir o emprego que eles quiserem” (AG 4, Remígio).

Infelizmente, na sociedade atual, é cada vez mais comum, identificarmos problemas causados por questões econômicas, políticas e culturais, não dando o devido significado e valorização aos esforços prestados aos trabalhadores de profissões que carregam consigo os estereótipos e preconceitos. Atitudes estas, que acabam por denegrir sua imagem perante a sociedade, tudo isto, fruto de uma civilização que não valoriza as diversidades e tem um modelo do “eu” a ser seguido e acaba excluindo do seu convívio as pessoas que não se encaixam neste perfil, e que não tiveram as mesmas condições de oportunidades que boa parcela da população.

Devemos ressaltar a importância dos agentes coletores para o meio ambiente, destacar a sua vontade, força e determinação em executar uma atividade árdua, que não tem uma remuneração digna e condizente aos seus esforços. Além disso, é importante não sermos coniventes com as atitudes preconceituosas, devemos mostrar nossas atitudes enquanto cidadãos.

Existe muito preconceito velado em nossa sociedade, é necessário nos unir e enfrentar prontamente esta problemática para que as pessoas, independente de suas profissões e condições sociais, sejam respeitadas enquanto sujeitos de direitos como está previsto nos artigos 3º e 5º da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988).

Por isso, é necessário, o investimento e a efetivação de políticas públicas nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal, aliados a um trabalho de conscientização e sensibilização tanto ambiental, como também social, para iniciar um processo de reparo da exclusão feita diante o trabalho realizado pelos coletores, começando pelo seu reconhecimento como indivíduo da sociedade, dando-lhes as condições trabalhistas e remuneração dignas.

6. Considerações Finais

Os agentes coletores de material reciclável são representados principalmente por trabalhadores do gênero masculino, com idade média entre 30 a 40 anos e na sua maioria, com tempo de serviço superior a 10 anos. A falta de oportunidades somada a baixa escolaridade, são um dos principais motivos que levam esses indivíduos a escolherem essa atividade como ofício. Para a maioria dos entrevistados, a coleta de material reciclável é a única fonte de renda para o seu sustento e da sua família, e o retorno financeiro é abaixo do salário mínimo nacional (R\$880,00).

Apesar de possuírem uma concepção limitada sobre meio ambiente (apenas naturalista), os agentes coletores de material reciclável possuem consciência sobre a sua importância na preservação do meio ambiente. Todavia, essa consciência é vista como secundária pelos próprios agentes e vem atrás de uma visão funcional e prática do seu ofício para a sociedade, ou seja, os agentes antes de se reconhecerem como sujeitos ecológicos, eles se vêem primeiramente, como personagem no auxílio da manutenção da limpeza da cidade.

A invisibilidade socioambiental é uma das principais dificuldades encontradas pelos agentes coletores de material reciclável. Os entrevistados alegam sofrer com o preconceito e discriminação da sociedade, os quais afirmam que as pessoas não reconhecem a sua importância para a limpeza das ruas e para a proteção do meio ambiente.

Diante do que foi discutido nesta pesquisa, ficou evidente que mesmo existindo legislações específicas (PNRS e PNEA) sobre o reconhecimento do trabalho dos agentes coletores de material reciclável, são necessárias ações práticas de valorização pessoal e profissional destes agentes. Tais como, a criação de cooperativas ou associações, além do apoio das prefeituras municipais para auxiliar nos processos de coleta e venda dos produtos, permitindo que estes trabalhadores tenham condições dignas de trabalho, assim como, uma renda que seja justa ao o esforço físico e psicológico aos quais estas pessoas são submetidas.

Desta forma, o trabalho contribuiu dando uma visibilidade sobre as condições de trabalho que os agentes coletores envolvidos nesta pesquisa estão submetidos, além de destacar a problemática da renda, que é acentuada pelos casos de preconceito e discriminação que são corriqueiros no cotidiano de trabalho destas pessoas.

É possível perceber, a partir dos resultados obtidos, que são necessárias ações voltadas para a valorização do trabalho dos agentes coletores de material reciclável, juntamente com a conscientização/sensibilização da sociedade para o trabalho realizado por esses agentes. Tais procedimentos podem ser obtidos através da Educação Ambiental, a qual, inteiria não apenas nas questões voltadas para o meio ambiente, como também na melhoria da qualidade de vida dos agentes envolvidos.

7. Referências

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR10004: **Resíduos sólidos – Classificação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

ABRAMOVAY, R. **Lixo zero: gestão de resíduos sólidos para uma sociedade mais próspera** / Ricardo Abramovay, Juliana Simões Speranza, Cécile Petitgand. – São Paulo: Planeta sustentável : Instituto Ethos, 2013.

ABRELPE - Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil** – Abrelpe, 2013.

ABRELPE - Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil**. 2014. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2014.pdf>.

ANDRADE, R. M.; FERREIRA, J. A. **A gestão de Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil frente às questões da globalização**. REDE – Revista Eletrônica do Prodepa, Fortaleza, Mar/2011. v. 6, n.1, p. 7-22.

AQUINO, F. C; et al. **Aspectos socioeconômicos de catadores de recicláveis em uma associação em Santo Antônio do Monte – MG**. Interfac EHS – Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade Vol. 10 no 1 – Junho de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac. ISSN 1980-0894

ARANTES, B. O; BORGES, L. O. **Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade**. Revista Brasileira de Psicologia v.65, n.3 2013.

ARAUJO, M. C. B; et al. **Resíduos sólidos em unidade de conservação: instrumentos legais e perspectivas de monitoramento**. In: Parque estadual mata da pimenteira: riqueza natural e conservação da caatinga. Org: Santos, Ednilza Maranhão dos; et al. – Recife: EDUFPE, 2013.

ARAÚJO, N. C; et al. **Quantificação da geração de resíduos em uma casa de farinha no Estado da Paraíba**. Revista Monografias Ambientais - REMOA v.13, n.5, dez. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, F. G. A; et al. **Avaliação de riscos físicos e químicos no trabalho de catadores de materiais recicláveis – Campina Grande, Paraíba** Evaluation of physical and chemical risks in the work of recyclable materials scavenger - Campina Grande, Paraíba. Revista Verde (Mossoró – RN - Brasil), v. 8, n. 2, p. 284 - 290 - , abr – jun , 2013.

BORTOLI, M. A. **Processos de organização de catadores de materiais recicláveis: lutas e conformações**. Revista ENSAIO: R. Katál. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 248-257, jul./dez. 2013.

BOSI, A. P. **A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.23, n.67, 2008.

BOURDIEU, P. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988.

_____. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei 9.795/99: Brasília, 1999.

_____. **Decreto Nº 5.940, de 25 de Outubro de 2006**. Disponível em:<http://www.lixo.com.br/documentos/decreto5940_2006.pdf>. Acesso em: 24 jul.2013.

_____. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Lei 12.305/10: Brasília, 2010.

CARDOZO, M. C; et al. **Medidas de segurança em veículo para coleta de lixo urbano: condições para manobra em ré**. XXV Encontro Nacional de Engenharia de Produção – Porto Alegre, RS, Brasil, 29 out. a 01 de nov. de 2005.

CARNEIRO, A. S. C. **A desigualdade e a invisibilidade social na formação da sociedade brasileira**. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador - Bahia - Brasil. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009.

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações. **Emprego, classificação, Brasil**. CBO - 2010 - 3 a ed. Brasília : MTE, SPPE, 2010. v. 1 828 p. 1. I. Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). II. Brasil. Secretaria de Políticas Públicas de Emprego (SPPE). CDD 331.700981.

CONAMA. **Resolução nº 306, de 05/07/2002**. In: Resoluções do Conama: Resoluções vigentes publicadas entre setembro de 1984 e janeiro de 2012. / Ministério do Meio Ambiente. Brasília: MMA, 2012.

CORTEZ, A. T. C; ORTIGOZA, S. A. G. **Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 146 p. ISBN 978-85-7983-007-5.

DALL’AGNOL, C. M. **Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável**. Ver. Lat. Am. Enfermagem, 2007.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, J. A. **Lixo Hospitalar e Domiciliar: Semelhanças e Diferenças – Estudo de Caso no Município do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1997.

FERREIRA, S. L. **Os “catadores de lixo” na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental**. In: Revista Urutágua, 2011.

FILHO, G. D. L. **Separação seletiva e reciclagem como instrumento para conservação ambiental: estudo de caso no lixão do município de Sumé-Paraíba.** Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano mmxvi, nº. 000080, 28/01/2016.

GALDINO, S. J; MALYSZ, S. T. **Catadores de materiais recicláveis e coletores do município de Mamborê - PR: agentes fundamentais no processo de gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos.** VII Encontro de produção científica e tecnológica EPTC, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 4º edição, 1988.

GONÇALVES, P. A **Reciclagem Integradora dos Aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos.** Rio de Janeiro: Fase, 2003.

HEIDEN, A. I.V. R. **Cooperativas de reciclagem de lixo e inclusão social: o caso do município de Itaúna – MG.** Dissertação de mestrado. Pós-Graduação Stricto Sensu Educação, Cultura e Organizações Sociais. Universidade do Estado de Minas Gerais, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo nacional 2010**, 2010.

INOCENCIO, S.W. D.S. **Diagnostico da concepção dos professores polivalentes sobre educação ambiental em escolas pública e particular na cidade de Areia-PB.** Monografia, UFPB - Universidade Federal da Paraíba, 2012.

IPEA – Instituto de pesquisa econômica aplicada. **Situação social da população negra por Estado.** Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília : IPEA, 2014.

LEITE, F. A **publicidade contra-intuitiva: possíveis articulações e reflexos nos estigmas e estereótipos sociais.** Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2009.

LOPES, F. T. M; et al. **O significado do trabalho para os garis: um estudo sobre representações sociais.** Perspectivas em Políticas Públicas | Belo Horizonte | Vol. V | Nº 10 | P. 41-69 | jul/dez 2012.

MAGALHÃES, B. J. **Catadores de materiais recicláveis, consumo e valoração social.** rev. UFMG, belo horizonte, v. 20, n.1 , p.246-265, jan./jun. 2013.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade.** Campinas, SP: Átomo,2003.

MAZZINI, A. L. D. A. **Dicionário educativo de termos ambientais.** Belo Horizonte: Mazzini, 2004.

MEDEIROS, L. F. R; MACEDO, K.B. **Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?.** Revista Psicologia e Sociedade, v 18, n.2, 2006.

MIGUELES, C. P. **Significado do lixo e ação econômica – a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro.** Em Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Administração – ENANPAD, Curitiba –PR, 2004.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MMA – Ministério do Meio Ambiente/ MEC – Ministério da Educação e Cultura. **Consumo Sustentável: Manual de educação**. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/ IDEC, 2005. 160 p.

MNCR. Coordenação do Movimento Nacional dos catadores de materiais recicláveis. **Apresenta textos sobre o Histórico, informações, dados, leis e documentos sobre o movimento dos catadores**, 2016.

MOROSINE, M. de F. M. **Gestão ambiental na zona costeira do estado da Paraíba**. 21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental. ABES – Trabalhos Técnicos, 2002.

MOTA, E. O; et al. **A percepção dos resíduos sólidos (lixo) na visão dos catadores da lixeira da Terra Dura em Aracaju, Brasil**. Scire Salutis, Aquidabã, v.3, n.1, p.86-96, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.6008/ESS2236-9600.2013.001.0008>.

NUNES, J. H. **Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação**. Sociologias, Porto Alegre, ano 16, n 35, jan/abr 2014.

OLIVEIRA, M. M; et al. **Catadores de materiais recicláveis e suas Representações sociais sobre lixo e trabalho**. Viçosa-MG, [s.d].

PASSOS, J. C; et al. **Eu vivo do lixo, e daí? A percepção dos integrantes de uma associação de materiais recicláveis quanto a sua atividade de produção, contexto social e perspectivas de vida**. XXX Encontro nacional de engenharia de produção Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente. São Carlos, SP, Brasil, 12 a15 de outubro de 2010.

PEDRINI, A. G. **Educação ambiental: Reflexos e práticas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PEREIRA, S. S; MELO, J. A. B. **Gestão dos resíduos sólidos urbanos em Campina Grande/PB e seus reflexos socioeconômicos**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, 2008.

PORTO, M. F. S; et al. **Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano do Rio de Janeiro, Brasil**. Cad Saúde Pública, 2004.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

RAMOS, M. M. G. **Importância do uso dos Equipamentos de Proteção Individual para os catadores de lixo**/ Marta Milena Góes Gomes. – Salvador: 2012.

SANTOS, E. G; OLIVEIRA, F. G. **Resíduos sólidos no meio rural: O caso do assentamento Queimadas no município de Remígio/PB.** I CONGRESSO PARAIBANO DE GESTÃO DO LIXO “Educação Ambiental e sustentabilidade”, 2009.

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental.** In: SATO, M; CARVALHO, I (Org). Educação Ambiental. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SAWAIA, B. B. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão.** In: SAWAIA, B. (Org.) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, R. B. da. **Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis: atores, governação, regulação e questões emergentes no cenário brasileiro.** Interthesis. Florianópolis: Edufsc, v. 3, n. 2, jul./dez. 2014.

SOBRAL, N. G; et al. **Gênero e invisibilidade social entre catadores de materiais recicláveis de Campina Grande/PB.** IV Jornada Internacional de Políticas públicas, 2009.

TRINDADE, N. A. D. **Consciência ambiental: coleta seletiva e reciclagem no ambiente escolar.** Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.7, N.12; 2011.

VELLOSO, M. P. **Os restos na história: percepções sobre resíduos.** Revista Ciência e saúde coletiva.

VIANA, N. **Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce.** Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás. 27 (3), 407-691, 2000.

8. Apêndices



Prezado participante, este questionário visa a obtenção de dados para o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do aluno Washington França, regularmente matriculado no Campus II da UFPB. Agradecemos a sua contribuição!

Questionário para Agentes Coletores de Materiais Recicláveis

- 1. Sexo:**
☐ Masculino
☐ Feminino
☐ Outro
- 2. Faixa etária:**
☐ até 12 anos
☐ de 12 a 17 anos
☐ de 18 a 29 anos
☐ de 30 a 39 anos
☐ de 40 a 59 anos
☐ 60 anos ou mais
- 3. Escolaridade:**
☐ Não Alfabetizado
☐ 1º ao 5º ano incompleto
☐ 1º ao 5º ano completo
☐ 6º ao 9º ano incompleto
☐ 6º ao 9º ano completo
☐ Ensino Médio incompleto
☐ Ensino Médio completo
☐ Apenas alfabetizado
- 4. A quanto tempo exerce a atividade:**
☐ Menos de 1 ano
☐ de 2 a 5 anos
☐ de 6 a 9 anos
☐ Mais de 10 anos
☐ Não sabe
☐ Não respondeu
- 5. Materiais vendidos:**
☐ Papel
☐ Papelão
☐ PET
☐ Plástico
☐ Alumínio
☐ Vidro
☐ Outros:

- 6. Onde coleta materiais?**
☐ Supermercados
☐ Hospitais
☐ Escolas
☐ Casas
☐ Lixões ou aterros
☐ Ruas
☐ Shows/eventos
☐ Outras opções

- 7. Frequência da coleta do material:**
☐ Diariamente
☐ Semanalmente
☐ Mensalmente
☐ Não respondeu
☐ Outra opção

- 8. Qual o local de venda do material coletado?**
☐ Atravessadores
☐ Fábricas
☐ Cooperativas
☐ Outros: _____
- 9. Frequência da venda do material:**
☐ Diariamente
☐ Semanalmente
☐ Mensalmente
☐ Não respondeu
☐ Outra opção

- 10. Peso do material vendido por mês:**
☐ Até 50 kg
☐ 50 kg a 100 kg
☐ 100 a 200 kg
☐ 200 a 300 kg
☐ Mais de 300 kg
☐ Não Sabe

11. Valor médio recebido pelo material vendido por mês:

_____Reais

() Não sabe

12. Quantas pessoas vivem dessa renda:

() 1 pessoa, apenas o coletor

() 2 pessoas

() 3 pessoas

() 4 pessoas

() 5 pessoas

() Mais de 5 pessoas

13. Recebem benefícios sociais do governo:

() Não recebe

() Bolsa família

() Outro benefício

_____Caso receba, valor:

_____Reais

14. A remuneração adquirida com a venda dos materiais é suficiente para sustentar sua família?

() Sim

() Não

15. A coleta é sua única fonte de renda?

() Sim

() Não, caso não:

Trabalha em outro local?

16. Seus parentes lhe ajudam na coleta?

() Sim, quem?

() NÃO, Porque?

17. Utiliza algum equipamento de segurança para a coleta?

() Não, por que?

() Sim, quais?

18. Adquiriu problemas de saúde decorrentes dessa atividade?

() Sim, quais

() Não

19. Geralmente trabalha quantas horas por dia?

() Menos de 6h

() 6–8 horas por dia

() 8–10 horas por dia

() Mais de 10 horas por dia

20. Já sofreu alguma discriminação enquanto coletava material?

() Sim, como foi?

() Não

Caso sim à pergunta anterior (responda a questão 21)

21. Qual foi sua reação a discriminação?

22. Você está associado a alguma cooperativa? Justifique:

☐ Sim

☐ Não

23. As pessoas separam o lixo para você coletar

☐ Sim

☐ Não

24. É fácil encontrar pontos de venda?

☐ Sim Justificativa

☐ Não

25. Acha que o preço pago pelos materiais é justo?

☐ Sim

☐ Não

26. O que é lixo?

27. Qual sua visão sobre a atividade de catar lixo (como você se vê nesta atividade)?

28. Você se sente feliz em executar esta atividade?

☐ Sim Justificativa

☐ Não

29. Mudaria de profissão?

☐ Sim Justificativa

☐ Não

30. Gostaria que seus filhos seguissem neste trabalho?

☐ Sim Justificativa

☐ Não

31. Considera que as pessoas se preocupam com o meio ambiente?

☐ Sim Justificativa

☐ Não

32. Para você o que é meio ambiente?

33. Sua profissão exerce alguma influencia no meio ambiente?

- ☐ Sim Justificativa
☐ Não

34. Qual a melhor parte do seu ofício?

Qual é a pior?

35. Você se considera importante para a sociedade e para o ambiente?

- ☐ Sim Justifique
☐ Não Justifique

36. Como as pessoas enxergam seu trabalho no seu dia-a-dia?

37. Você recebe algum tipo de apoio da prefeitura? Já participou de alguma oficina de capacitação? Comente se seria necessário algum apoio e se considera importantes cursos de capacitação.

9. Anexos

Classificação de Sauvé (2003) adaptada por Inocêncio (2012)

Concepção de Meio Ambiente	Definição de Meio Ambiente/ Representação
Natureza	O meio ambiente é visto apenas como sin�nimo de meio natural, que envolve aspectos da fauna e da flora, sem envolver o ser humano.
Recurso	Onde a concepção de meio ambiente está associada ao manejo, utilização e � proteção dos recursos naturais.
Problema	São evidenciados os problemas ambientais.
Sistema	O meio ambiente é exibido numa perspectiva que parte da análise e da síntese de um problema para uma visão global, formando um sistema.
Objeto de estudo	A concepção de meio ambiente está voltada para estudos relacionados às ciências ambientais.
Meio de Vida	Essa concepção apresenta o meio ambiente como o lugar de morada.
Objeto de Valores	Essa concepção defende o meio ambiente como algo precioso, valioso, é a análise de uma vida ecologicamente correta.
Todo	O meio ambiente é relacionado a todas as dimensões de ser: natural, social, crítico, as interações entre o meio e o homem, é o todo, o total, o ser.
Lugar de pertenc�a	Concepção de meio ambiente que expõe os problemas ambientais e propõe a realização de projetos ecológicos.
Cadinho de a��o/Reflexão	O meio ambiente é tratado como o objeto de reflexão de problemas e busca de soluções para tais problemas.
Objeto de transformação/ Lugar de emancipação	O meio ambiente é concebido como o lugar onde há problemas e que � necessária a resolução destes.
Objeto de solicitude	Essa concepção que envolve o meio ambiente traz a visão de cuidado atencioso, afetuoso, e zeloso ao meio.
Território, Lugar de identidade, Natureza/Cultura	Concepção que envolve o meio ambiente com a cultura de uma região, um lugar.
Pólo de intere��o para a formação pessoal	Meio ambiente como lugar de envolvimento com a natureza, com os animais e que leva o ind�ivuo às origens primitivas de interação com a natureza.
Recursos para o desenvolvimento econ�mico, Recursos compartilhados.	O meio ambiente é o lugar onde haverá o equilíbrio entre o desenvolvimento dos aspectos sociais e das interferências que o homem faz para que o mesmo ocorra.

